

diálogo

no espaço democrático



O que há com nosso FUTEBOL?



Conversa com
WALTER FELDMAN
Ex-secretário-geral da CBF,
foi secretário municipal de Esportes
de São Paulo e deputado federal





diálogos no espaço democrático são publicações do Espaço Democrático, a fundação para estudos e formação política do PSD



Para assistir ao vídeo, aponte a câmera do celular para este código

GESTÃO NO FUTEBOL EVOLUI, MAS CLUBES CONTINUAM QUASE QUEBRADOS

A pesar da situação de pré-insolvência da maior parte dos clubes das séries A e B, a gestão do futebol brasileiro está em evolução e apresenta bons exemplos de governança, transparência, ética, prestação de contas e compliance. O diagnóstico é de **Walter Feldman**, ex-secretário geral da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), em entrevista ao programa Diálogos no Espaço Democrático, produzido em setembro de 2021 pela TV da fundação do PSD e disponível tanto em seu canal de Youtube (https://youtu.be/pT_PGkDtRUM) quanto em seu podcast (<https://espacodemocratico.org.br/podcasts/futebol-gestao-evolui-mas-clubes-continuam-quase-quebrados/>).

Mas, para Feldman, apesar da notável evolução dos últimos cinco ou seis anos, o Brasil ainda está muito distante do nível europeu. “Os clubes da Europa entenderam há muito tempo a dimensão planetária do futebol”, diz ele.

Feldman foi entrevistado pelo jornalista **Sérgio Rondino**, âncora do programa de entrevistas e debates, pelos cientistas políticos **Rubens Figueiredo** e **Rogério Schmitt** e pelo economista **Luiz Alberto Machado**.

Nas páginas seguintes está a íntegra daquele programa. Boa leitura.



Para ouvir o podcast, aponte a câmera do celular para este código



Sérgio Rondino - O nosso assunto de hoje é uma paixão nacional: o futebol. Quem vai conversar conosco sobre esse tema é Walter Feldman, médico, ex-secretário-geral da CBF (*Confederação Brasileira de Futebol*), que foi também deputado estadual e deputado federal por São Paulo, e secretário municipal de Esportes em São Paulo. Walter Feldman, seja bem-vindo ao Espaço Democrático.

Walter Feldman - Sérgio, é um prazer estar com você e com os companheiros de bancada. Eu já estive há um tempo, com o Rubens Figueiredo, mas *in loco*, na sede do partido, discutindo temas também relacionados ao esporte. Eu estava aguardando um convite como esse depois de tanta discussão, tanta polêmica e tanto interesse em relação ao esporte brasileiro. Então, estou aqui absolutamente à disposição para fazer um bom combate com você.

Sérgio Rondino - Muito obrigado desde já pela gentileza de nos atender. Participa conosco, hoje,

o cientista político Rogério Schmitt, flamenguista. Salve, Rogério.

Rogério Schmitt - Salve, Rondino. Salve, Walter Feldman, Rubens e todos os que estão nos assistindo.

Sérgio Rondino - Conosco, também, o cientista político Rubens Figueiredo, corintiano. Rubens, bem-vindo.

Rubens Figueiredo - É sempre muito bom falar sobre futebol, principalmente com o Walter, que é um grande conhecedor do tema, viveu intensamente esse último período na CBF.

Sérgio Rondino - Também conosco Luiz Alberto Machado, economista e palmeirense. E não posso deixar de dizer que, modéstia à parte, eu sou pontepretano.

Walter Feldman - E eu, são-paulino.



EM GERAL, A SOCIEDADE BRASILEIRA DESCONHECE, MAS AS TRANSFORMAÇÕES OCORRIDAS NESSES ÚLTIMOS CINCO, SEIS ANOS NA GESTÃO DO FUTEBOL, EU DIRIA QUE SÃO IMPRESSIONANTES. HOJE, OS EXPEDIENTES DA BOA GOVERNANÇA, DO COMPLIANCE, DA TRANSPARÊNCIA, DA ÉTICA, DA PRESTAÇÃO DE CONTAS, DAS AUDITORIAS, DA CONFERÊNCIA DE RESULTADOS ATRAVÉS DE ASSEMBLEIAS - SEJA DOS SÓCIOS, SEJA DAQUELES QUE MILITAM E SE INTERESSAM DIRETAMENTE POR ISSO - É MUITO GRANDE.



Sérgio Rondino - Então o painel está completo.

Rubens Figueiredo - Um painel ecumênico.

Sérgio Rondino - Walter, antes de dirigente esportivo, você é um homem público. Além de deputado estadual e federal por São Paulo, você já foi secretário de Esportes da Prefeitura de São Paulo, entre outras funções na área pública. Tem, portanto, uma visão que vai além do futebol. Uma visão do esporte muito mais ampla. Por isso, vou começar com a pergunta mais genérica a respeito do tema. Como é que você avalia a qualidade da gestão pública e privada do esporte e do futebol no Brasil?

Walter Feldman - Em crescimento, em progresso, em evolução, Sérgio. Em geral, a sociedade brasileira desconhece, mas as transformações ocorridas nesses últimos cinco, seis anos na gestão do futebol, eu diria que são impressionantes. Hoje, os expedientes da boa governança, do *compliance*, da transparência, da ética, da prestação de contas, das auditorias, da conferência de resultados através de assembleias - seja dos sócios, seja daqueles que militam e se interessam diretamente por isso - é muito grande. Eu diria que, com as chamadas "normas de licenciamento" implantadas pela CBF há 3 anos, que exigem um grau evolutivo de profissionalismo na gestão do futebol, e a introdução recente do chamado "*fair play financeiro*", que também exige uma boa prestação de contas, controle orçamentário, não seria difícil avaliar que, de cinco anos para cá, a gestão do futebol brasileiro cresceu muito. E isso significa não apenas melhor gestão, mas melhores resultados comparativamente àquilo que a Europa já vem fazendo há muitos anos.

Sérgio Rondino - Rogério Schmitt, vamos começar o nosso bate-bola.





Rogério Schmitt - Walter, a minha pergunta para você é sobre essa nova lei do “clube-empresa”, que entrou em vigor no começo de agosto deste ano. Já dá para dizer quais são os pontos positivos e eventualmente os pontos negativos dessa nova legislação que se propõe a ser uma válvula de escape para vários clubes que estão passando por dificuldades?

Walter Feldman - Olha, Rogério, nós padecemos de uma questão complexa, que é a comparação com a Europa. E nós temos aquilo que você conhece muito bem, que é a exportação precoce dos nossos craques, inflacionando muito nosso mercado, levando os salários de técnicos e jogadores a valores inacreditáveis. E isso faz com que haja sempre um grande desnível em relação àquilo que os clubes recebem como receitas próprias, e aquilo que eles podem, ou devem, pagar. Olhando para o passado, de cinco, dez, 20 anos atrás, quando se acumularam muitas dívidas, é muito claro que nós temos que procurar novas fontes de financiamento no futebol. Aquilo que a Europa já fez há algum tempo, buscando fundos de investimento. E, portanto, tornando o futebol cada vez mais um negócio, um empreendimento, algo de enorme valor. Não apenas a paixão do torcedor, a simbologia da representação nacional, daquilo que é a visibilidade do País lá fora, mas também porque nós temos que dar o devido valor àquilo que é a cadeia produtiva do futebol. Isso a gente vinha estudando há muitos anos. Nós

fizemos um recente estudo sobre a cadeia produtiva do futebol, que revela que o futebol brasileiro mobiliza R\$ 54 bilhões, mais de 150 mil empregos diretos e indiretos e corresponde a 0,7% do PIB nacional. Isso é muito grande. Mas, Rogério, é muito aquém ainda do que o futebol precisaria ter. Nós estávamos numa caminhada para que o futebol representasse pelo menos 2% do PIB brasileiro. Para que isso aconteça, nós precisamos de investimento externo, buscando aqui a nossa melhor qualidade e, eventualmente, a nossa melhor representação.

Eu diria que a lei do clube-empresa traz uma resposta para isso. O projeto aprovado originalmente, do senador e presidente do Senado, Rodrigo Pacheco (*PSD/MG*), com a relatoria do senador Carlos Portinho (*PL-RJ*) foi muito bem-feito. Nós participamos diretamente, todos os protagonistas do futebol deram a sua contribuição para o aperfeiçoamento do projeto. O senador Portinho foi muito sensível e fez as mudanças necessárias, mas o governo federal sancionou a lei com vetos parciais, particularmente na questão tributária. Eu acredito que o Congresso Nacional deve derrubar o veto, porque se isso não acontecer, eu diria que pode não valer a pena, ou poucos clubes entrarão, se aproveitando da chamada legislação do clube-empresa, porque em pouco tempo eles ficarão numa situação temerária, de insolvência, se esses fundos não aportarem os seus recursos.

Rubens Figueiredo - Walter, continuando um pouco nessa questão do aspecto financeiro dos clubes, é recorrente na mídia que os clubes estão em grandes dificuldades. No entanto, a gente vê, por exemplo, o Atlético Mineiro contratando o Hulk, um titular de seleção brasileira, e agora, mais recentemente, o Diego Costa. O Corinthians trouxe Renato Augusto e o Flamengo do nosso amigo Rogério tem um time milionário, talvez um dos melhores planteis que um clube brasileiro já formou.

Por outro lado, você tem clubes tradicionais como Cruzeiro e Botafogo que estão indo muito mal das pernas. Como você vê essa discrepância entre clubes que tem problemas contratando muito e clubes quase falidos?



Sérgio Rondino - Posso acrescentar, Rubens? O Vasco da Gama acabou de ser condenado, se não estou enganado, a pagar uma dívida trabalhista milionária, de quase R\$ 100 milhões. E o Vasco está na série B, junto com Cruzeiro e Botafogo, com as mesmas dificuldades.

Walter Feldman - Olha, Rubens e Sérgio, essa é uma contradição permanente. Infelizmente faz parte um pouco da primeira resposta, que ofereci ao Rogério, relacionada à votação do clube-empresa. Mas aí é uma questão complicada porque se analisarmos, sem citar alguns clubes, eu posso dizer que hoje todos os clubes brasileiros, praticamente sem nenhuma exceção, têm a sua situação comprometida em relação à gestão financeira do presente e do futuro. Pouquíssimos clubes, eu diria que não chegam a cinco, têm sua situação equilibrada. Claro, alguns mais, outros menos. A situação do Atlético Mineiro é muito difícil, a do Corinthians, Vasco, Cruzeiro, Botafogo, como vocês disseram. Mas outros clubes, inclusive que não estão nessa ponta da linha, também têm dificuldades acumuladas e não são inferiores à 500, 600, 700 milhões de reais, que não poderão ser pagos a curto prazo.

O que se pensa em relação ao clube-empresa é

ver se isso se resolve em curto espaço de tempo com investimento novo. Mas os clubes sempre terão uma contradição, sempre vão querer comprar jogadores mais valiosos, até porque esses jogadores trarão títulos e os títulos melhoram a performance em relação à conquista de patrocinadores. Algo que está crescendo no Brasil é a expressão internacional. Pela primeira vez estamos apresentando o futebol brasileiro lá fora por meio de uma longa negociação que fizemos para que as televisões do mundo também captem imagens dos jogos do Campeonato Brasileiro, séries A e B. Mas eu diria que é quase uma esquizofrenia. Nós temos que buscar resultados, temos que buscar títulos. Os clubes precisam contratar jogadores cada vez mais qualificados, mas eles têm na ponta das suas finanças um passivo que, eu diria, é absolutamente impagável. E o Brasil tem que passar por um novo patamar e novo financiamento para que essas respostas sejam dadas e o jogador passe a ficar mais no Brasil, deixe de ser exportado precocemente, como é hoje.

Eu diria que normas de licenciamento, *fairplay* financeiro, gestões cada vez mais qualificadas e profissionais, a nova lei do clube-empresa, a lei do mandante, novos contratos com as emissoras detentoras dos direitos de transmissão, novos ativos que estão sendo buscados, como o *bigdata*, a *gamificação*, e uma série de outros elementos que podem fazer um conjunto, uma cesta que pode responder a essas questões que, nesse momento, do ponto de vista financeiro, de resolução do passivo, são irrespondíveis.

Sérgio Rondino - Walter, quero fazer um adendo. Você citou vários elementos que compõem uma gestão moderna de empresa, de clubes, não importa. Mas como você avalia, nesse contexto, a cabeça, o preparo ou despreparo dos dirigentes dos clubes? Aqueles velhos cartolas... isso ainda existe? Estamos nos modernizando?

Walter Feldman - Olha, Sérgio, essa é uma boa pergunta e eu vivi intensamente essa questão, até porque, desde que eu lá cheguei, a Secretaria Geral da CBF se expandiu além das relações institucionais com o mundo, com a FIFA, com a Conmebol, com todas as federações dos 211 países que compõem o futebol mundial. Você vê que é mais que a ONU, que tem um sistema hierarquizado muito bem regulamentado, comandado pela FIFA e pela Conmebol do ponto de vista das relações do Brasil. Mas eu diria o seguinte: isso, aos poucos, vai se adaptando. E eu posso dizer para você que no contato que eu tive com praticamente todos os clubes brasileiros, o modelo de gestão e o perfil do governante mudou muito. O presidente de um Atlético Mineiro, de um Cruzeiro... A gestão do Fluminense é extraordinária, a do Palmeiras é incrível, a do Santos está melhorando muito, a do Ceará, do Fortaleza, do Bahia, ou seja, o perfil do dirigente mudou extraordinariamente. É uma situação *sine qua non*. Progressivamente, os dirigentes dos clubes brasileiros serão cada vez melhores e mais cobrados por isso.



Luiz Alberto Machado - Walter, você já exerceu cargos importantes na Secretaria Municipal de Esportes de São Paulo e na CBF, que o tornam, talvez, um dos maiores conhecedores da realidade do esporte em geral e do futebol em particular. Alguns anos atrás eu ouvi do J. Hawilla a seguinte afirmação: "Falar em marketing esportivo no Brasil é irreal. Quase toda a verba vai para o futebol, o

resto é *peanuts*". Você concorda com isso? Ainda é assim? Seria possível reverter esse quadro, o que permitiria provavelmente uma melhor performance dos nossos atletas em futuras edições de Jogos Pan-americanos ou Jogos Olímpicos?

Walter Feldman - Eu diria que a resposta é sim e sim. Sim, é verdade, o marketing esportivo é o marketing do futebol. Muito pouco vai para as outras modalidades esportivas. Boa parte delas ainda depende de financiamento de caráter público, tipo Banco do Brasil, Correios e aquelas empresas que antigamente até financiavam muito mais do que financiam hoje. E o esporte olímpico depende fundamentalmente de verbas públicas. Com eventos como Jogos Pan-americanos, Jogos Olímpicos, com resultados inclusive muito positivos que nós tivemos, é muito possível, é muito provável que o Brasil consiga ultrapassar esse patamar de um país que só investe no futebol para investir em outras modalidades esportivas. É um sonho, depende muito de um conjunto de patrocinadores que hoje são articulados no chamado "pacto pelo esporte", que se preocupa com o desenvolvimento de outras modalidades. Mas hoje aquilo que ele disse é absolutamente verdadeiro, ou seja, marketing esportivo, hoje, é fundamentalmente o futebol.

Rogério Schmitt - Walter, minha segunda pergunta para você é sobre o futebol feminino. Eu queria te ouvir um pouco sobre isso. Como você vê o futebol feminino no Brasil, onde você imagina que ele pode estar daqui a cinco anos? A minha sensação é de que o futebol dos clubes está num processo muito interessante de crescimento. Mas, por outro lado, infelizmente a nossa querida seleção feminina... por exemplo, agora na última Olimpíada, faz alguns anos que não tem participado dos pódios. Então, é verdadeira essa impressão? Queria te ouvir um pouco sobre o quadro do futebol feminino no Brasil.



Walter Feldman - É uma impressão, eu diria, parcialmente real. O futebol feminino, nos últimos três, quatro anos, cresceu incrivelmente. Antigamente era quase uma obrigação que a CBF tocava por conta da seleção, mas os campeonatos brasileiros tinham uma importância, uma dimensão muito reduzida. Nos últimos três anos o crescimento foi incrível por conta do fato de a CBF ter entendido esse novo papel, essa nova modalidade. A Copa do Mundo da França explodiu o futebol feminino do ponto de vista do gosto popular, de homens e mulheres, meninos e meninas, e também dos patrocinadores - porque vocês sabem, estamos falando muito de marketing esportivo, financiamento, como é que a gente resolve o problema financeiro do futebol. Nos últimos tempos, lá na CBF, nós recebíamos patrocinadores novos e antigos, que queriam só patrocinar o futebol feminino, tanto de seleção como dos clubes e campeonatos brasileiros, que cresceram muito. Hoje nós temos uma Aline (*Pellegrino*), que é uma figura extraordinária e dirige o futebol feminino na CBF, que tem dado um gás extraordinário para o crescimento junto aos clubes, o que hoje é uma questão mandatória. Os clubes de camisa têm que ter o futebol feminino obrigatoriamente, e os campeonatos estão se expandindo: série A1, A2... hoje, indo para a sub-16. Ou seja, está se criando o nível em escadinha para que a gente tenha progressivamente o fute-

bol feminino também. Nós temos toda a vocação para estar entre os melhores do mundo. A Pia Sundhage (*técnica da seleção brasileira*), é uma figura incrível, a Duda (*Luizelli*) e a Aline, coordenadoras da seleção... são três figuras que vão dar uma nova cara para o futebol que hoje é prioridade na FIFA, na Conmebol e na CBF.

Sérgio Rondino - Como é que ficam, nessa questão do futebol feminino, as escolas? Nós fizemos um Diálogo recente com o Marcelo Teixeira, que foi presidente do Santos, que é dirigente de universidade, e ele lembrou que até a educação física nas escolas primárias e secundárias não é mais obrigatória. Enquanto isso, os americanos formam as suas meninas nas escolas. Você teve uma experiência importante na Secretaria Municipal de Esportes de São Paulo, de criar o clube-escola, de integrar a escola com o esporte. Como você vê isso para o futebol feminino? Por que isso não vai para a frente?

Walter Feldman - Infelizmente ainda não vai para a frente no futebol feminino, no futebol masculino, nas modalidades esportivas. O chamado esporte escolar é um desastre no Brasil. É um desastre. Um dos maiores problemas que tive na gestão do prefeito Gilberto Kassab como secretário de Esportes foi implantar o clube-escola nas escolas. E olha que o prefeito Kassab ia comigo nas escolas, foi na Secretaria de Educação... Mas a resistência dos professores era muito grande. Eu não diria dos professores, para não comprometer, mas do sistema. A educação física quase foi expulsa da rede escolar como atividade essencial obrigatória. Eu me lembro do começo do governo Bolsonaro, quando eu dizia para ele: "Presidente, você é professor de educação física. Temos uma grande oportunidade de uma retomada nos níveis da nossa geração, da educação física como atividade essencial nas esco-

las brasileiras, no ensino fundamental, no ensino médio." E também, Sérgio, no nível universitário, sobre o qual o Marcelo Teixeira deve ter falado. Isso não existe no Brasil com a relevância que tem no Japão, nos Estados Unidos, na Europa. Nas escolas brasileiras é uma lástima. É uma realidade que tem que mudar. Nós só vamos mudar com isso a educação, porque a atividade esportiva tem um papel incrível na capacidade cognitiva das crianças, ajuda na educação em si, e também para formar melhores cidadãos. É um tema que o Brasil precisa tratar com maior qualidade e com mais seriedade.



Rubens Figueiredo - Walter, nos últimos cinco anos, que coincidem com esse período que você identifica como um período de inovações na CBF, o Brasil foi campeão sul-americano sub-15; campeão da Copa do Mundo sub-17; campeão da Copa América em 2019; e bicampeão olímpico - a seleção masculina de futebol. No entanto, quando você ouve ou vê esses comentaristas de futebol, que talvez sejam a categoria mais mal-humorada que existe, você sempre tem a ideia de que o Brasil está ladeira abaixo no futebol. Nós perdemos a Copa América por um erro individual de um defensor e nada servia para o Brasil. Como é que você vê essa falta de reconhecimento do futebol brasileiro como um esporte muito vitorioso?

Walter Feldman - Bom, você tem razão, a imprensa esportiva, infelizmente, joga muito para baixo, dificilmente reconhece. Eu fui o porta-voz





da CBF nesses últimos seis anos e tinha uma batalha diária para tentar mostrar o avanço no sistema que o futebol brasileiro estava tendo. Avanço seja em termos de gestão, seja em termos de organização dos nossos campeonatos, de ampliação. Em 2012 nós tínhamos seis campeonatos brasileiros e hoje temos 21, organizados com uma qualidade, uma eficiência extraordinária. A CBF, do ponto de vista da organização do futebol, é uma máquina, e não haveria futebol na base feminina, em grande parte o futebol profissional da Série A, Série B e Série C não fosse o investimento direto da própria CBF. Mas a base, a gente sempre falava isso, o maior número de títulos da base do futebol mundial é do Brasil. Recentemente, a direção da CBF exigiu que a FIFA reconhecesse isso. Sub-17, como você disse, títulos do sub-15 e ganhar os Jogos Olímpicos corresponde a uma Copa do Mundo. Duas vezes nós disputamos com as melhores seleções sub-23, com algum apoio de alguns de mais idade, mas são seleções sub-23, que são as olímpicas. Então, há uma dificuldade no reconhecimento da qualidade do Brasil.

Estamos investindo cada vez mais na base. Hoje tem um Branco, que é o coordenador da base da seleção brasileira, que é uma figura extraordinária, além de campeão mundial, mas é um coordenador incrível do sistema da base. Os clubes têm investido muito, têm criado centros de treinamento. Hoje existe a ideia do clube formador, que faz com que o clube entre no *upgrade* de reconhecimento do seu papel. O grande problema é que o jogador vai embora precocemente, e aí a gente perde muitas vezes a condição de dar a ele a característica nacional, que é própria do Brasil, e que há muito tempo a gente não consegue dar. Mas a base do futebol brasileiro está crescendo e melhorando muito.

Rogério Schmitt - Talvez essa sensação de que o Brasil não está rendendo o quanto poderia no

futebol mundial tem a ver com o fato de que foi eliminado precocemente nas últimas quatro Copas do Mundo de futebol masculino. Se isso acontecer novamente em 2022, o Brasil vai repetir aquele período de 24 anos entre o tricampeonato de 1970 e o tetra de 1994. Então, pergunto: temos chances de pelo menos chegar à final na Copa de 2022, na sua avaliação? E outra pergunta é também sobre a CBF. A gente tem visto sucessivos escândalos envolvendo presidentes da CBF ao longo dos anos. Você acha que isso tem impactado negativamente a imagem do futebol brasileiro ou tem reduzido a nossa capacidade de se igualar ao patamar em que estão outras confederações no resto do mundo?

Walter Feldman - Duas questões muito importantes, Rogério. Primeiro, o seguinte: o futebol mundial hoje é extremamente competitivo. Não é só o europeu, não é só o sul-americano, que já tem uma longa tradição, mas o asiático está melhorando a sua performance, o africano está melhorando sua performance. Hoje nós temos que reconhecer que há uma elevação muitas vezes uniforme que faz com que as seleções se equilibrem. E, por alguns aspectos, a Europa ainda está alguns passos, particularmente, na frente do Brasil na qualificação das suas seleções. Infelizmente a gente não vence há muito, a Europa tem se destacado nesse aspecto. Não apenas o Brasil, mas a Argentina também. Então nós perdemos uma parte desse terreno, mas eu diria que nos últimos anos, por uma decisão correta por parte da direção da CBF, foi decidido ter um longo período de gestão contínua, sem alteração do comando, com a presença do Tite na comissão técnica, que toda a imprensa esportiva pode ter a sua avaliação, sua crítica, mas não dá para negar que tem havido um investimento muito grande do ponto de vista financeiro e tecnológico, dando ao Tite e à sua comissão condições para preparar a melhor equipe para disputar a Copa do Mundo de



GANHAR UMA COPA DO MUNDO

DEPENDE DE MUITOS FATORES E NÃO APENAS DE TER A MELHOR SELEÇÃO, DE TER O MELHOR TÉCNICO. DEPENDE DE EXPEDIENTES QUE MUITAS VEZES SÃO INCONTROLÁVEIS. EU ME LEMBRO, EU ESTAVA INDO PARA O AEROPORTO COM O PROFESSOR (CARLOS ALBERTO) PARREIRA ANTES DA COPA DA RÚSSIA. ELE FALOU: “VAMOS GANHAR, SIM, NÃO TEM COMO PERDER. EU NUNCA VI UMA PREPARAÇÃO TÃO GRANDE COMO ESTA”. E NÓS PERDEMOS. EU ACHO QUE NÓS TEMOS GRANDES CHANCES DE GANHAR A COPA DO MUNDO DE 2022.



2022. Se isso não acontecer, é porque ganhar uma Copa do Mundo depende de muitos fatores e não apenas de ter a melhor seleção, de ter o melhor técnico. Depende de expedientes que muitas vezes são incontroláveis. Eu me lembro, eu estava indo para o aeroporto com o professor (*Carlos Alberto*) Parreira antes da Copa da Rússia. Ele falou: “Vamos ganhar, sim, não tem como perder. Eu nunca vi uma preparação tão grande como esta”. E nós perdemos. Eu acho que nós temos grandes chances de ganhar a Copa do Mundo de 2022. Talvez o problema seja mais externo à seleção do que interno, e aí entro na segunda pergunta que você fez.

A questão administrativa atrapalha a performance da seleção? Problemas na direção da CBF atrapalham? Sim. Atrapalham, e muito. Geram tensões, geram atritos, afetam a estabilidade psicológica que é fundamental para o preparo tanto da comissão quanto dos nossos atletas. Os escândalos da CBF são diferentes do passado. Nós tivemos um escândalo correspondente a problemas de contratos... o Jota Hawilla, problemas relacionados aos cartolas, tal... Isso mudou muito, nós não temos um problema dessa ordem hoje. O que houve, o último problema de instabilidade política na CBF foi comportamental. O nosso presidente infelizmente teve alguns percalços, alguns tropeços, e isso fez com que a pirâmide incrível que foi construída do ponto de vista de gestão dos últimos anos ficasse muito abalada. Mas eu acredito que em pouco tempo vai ser restabelecida para que a gente possa dar tranquilidade psicológica e estrutural para a nossa seleção caminhar rumo à Copa do Mundo no Catar.

Sérgio Rondino - Walter, você fez uma referência importante ao fato de que, no futebol, o Brasil já não é mais senhor da bola, como era. Antigamente era absoluto. Mas eu quero lembrar que os outros também melhoram. No caso, por exemplo, do vôlei de praia, agora na Olimpíada, depois que uma

das nossas duplas perdeu e não conseguimos nada, um deles disse: “Olha, os outros melhoraram, nós temos que investir, melhorar, vamos nos esforçar. Mas os outros melhoraram”. A gente tem aquela visão de que “temos que ganhar, temos que ganhar”. Às vezes não dá, às vezes os outros times são equivalentes, às vezes há equilíbrio. Então, um elemento qualquer pode definir a vitória ou a derrota.

Walter Feldman - Essa é uma questão importante. O futebol mundial está num patamar mais horizontal do que já esteve em outras épocas. E tem uma questão que o Rogério conhece bem, que é a da imprevisibilidade. Como é que nós podemos imaginar que qualquer clube de futebol pode ganhar do Flamengo de 4x0? (*referência à derrota do time carioca para o Internacional, no dia 9 de agosto de 2021, no Maracanã*). É inacreditável uma coisa dessas. Mas o futebol permite que isso aconteça, é por isso que o futebol é a modalidade mais apaixonante do mundo, porque é igual à vida. É imprevisível.

Rubens Figueiredo - Eu sou sócio de um clube de classe média de São Paulo. E eu noto que os meninos de oito a doze anos circulam pelo clube com camisas do Paris Saint-Germain, Bayern, Barcelona, Real Madrid, Juventus da Itália. É muito curiosa a paixão desses garotos que serão os torcedores de amanhã, que irão ao campo pagar seu ingresso ou comprar a TV a cabo. Como eles são apaixonados pelo futebol europeu! Outro dia estava passando jogo na televisão, eu sentei lá e fiquei observando. Eles sabem a escalação do Bayern de Munique. Eles sabem a escalação do Paris Saint-Germain, quem comprou quem, quem vendeu. Como é que a gente faz para resgatar um pouco da paixão dessa molecada que está crescendo, pelo menos nessa classe média que eu observei, recuperar aquela paixão que havia pelo futebol brasileiro, das crianças andarem com as camisas dos times brasileiros?

Walter Feldman - Olha, essa é uma preocupação nossa, também. Você, que é sociólogo, comunicador, eu chamaria isso de colonização esportiva. Os clubes europeus têm trabalhado isso no mundo inteiro. Eles têm uma estratégia de marketing que vem da década de 1980, algo que o Brasil começa a descobrir agora, exportando seu futebol para o mundo. O Barcelona tem jogadores brasileiros talvez desde a década de 1970, compreendendo que, ao contratar um jogador brasileiro, que é provavelmente o melhor que havia no Brasil, ele atrai os torcedores para que assistam os jogos daquele clube. Comparativamente, a CBF tem uma diretoria de marketing que deve ter uns 10 funcionários. Diretoria de marketing da CBF. Sabe quantos funcionários trabalham no marketing do Barcelona, Rubens? 300. Eles têm escritórios no mundo inteiro. Quantos escritórios os clubes brasileiros ou a própria CBF têm em outros lugares do mundo? Nenhum. O futebol é uma atividade planetária. Ela se desenvolve passando a sua informação, que é uma informação esportiva, mas é também cultural, civilizatória, e o Brasil ainda não descobriu. Você imagina, Rubens, você que é um pensador histórico, o que nós perdemos em não ter usado o Pelé como um grande embaixador do Brasil no mundo? Nós nunca mais teremos um embaixador com essa qualidade. Mas também o Ronaldo poderia ter feito isso. O Ronaldinho poderia ter feito isso. Nunca tivemos esse papel de divulgar o futebol brasileiro lá fora, enquanto os clubes europeus sabem muito bem fazer isso. Eu diria que é *business*, é negócio, é compreender o papel planetário que o futebol tem, que infelizmente a nossa visão provinciana não permitiu. E isso leva as nossas crianças a torcerem muito mais por esses clubes lá fora do que pelos seus próprios clubes, ou dos seus pais.

Sérgio Rondino - Walter Feldman, essa aqui é uma fundação de estudos e formação política. Dis-

cutir o futebol, pela grandiosidade do que ele significa, inclusive na economia brasileira, como você bem realçou, inclusive em relação à necessidade de políticas públicas envolvendo o esporte todo, é mais do que justificado. Você deu uma boa aula e eu abro espaço agora para as suas palavras finais, o seu recado final.

Walter Feldman - Eu fiquei muito feliz com o convite que me foi feito por você diretamente. O Rubens me ligou, o próprio presidente nacional do PSD, Gilberto Kassab, me estimulou muito a participar, e você sabe o carinho que eu tenho por ele, por ter sido seu secretário de esportes aqui em São Paulo. Eu diria o seguinte: o futebol, como dizia Nelson Rodrigues, é muito mais do que a bola. É muito mais do que o jogo. É muito mais do que os 90 minutos. Sinaliza a característica de uma nacionalidade, significa a concentração de paixão que um país consegue ter, muitas vezes só no futebol ou em pouquíssimos outros episódios na nossa vida histórica. E o Brasil, infelizmente, não compreendeu ainda. Eu vivi, na CBF, muito dessa paixão do fute-

bol, dos clubes, dos campeonatos, da seleção, mas eu me preocupei muito em fazer essa chamada CBF social, de implantar o clube-escola do prefeito Kassab em todos os municípios brasileiros. Esse é um programa que deve continuar, apesar da minha saída, para fazer aquilo que eu chamo de base da pirâmide. Temos um ápice da pirâmide, que é a seleção; o intermediário, que são os clubes; depois a base do futebol. Mas tem uma base total dessa pirâmide que é a educação nas escolas. Futebol pode ser um instrumento educacional. Pode melhorar a educação e pode aumentar o nosso nível, o nosso teor civilizatório perante o mundo. Então, foi um prazer, muito obrigado a você, a toda essa bancada maravilhosa. Me chamem sempre, estarei à disposição.

Sérgio Rondino - Walter, tenha certeza de que o prazer foi nosso. Foi muito bom. Quero agradecer também a participação do Rogério Schmitt, do Rubens Figueiredo, do Luiz Alberto Machado. E quero agradecer a você, que nos acompanhou neste *Diálogos no Espaço Democrático*. Até o nosso próximo programa!



<p>Presidente Alfredo Cotait Neto</p> <p>Coordenador Nacional de Formação Política Raimundo Colombo</p> <p>Coordenador Nacional de Relações Institucionais Vilmar Rocha</p> <p>Secretária Ivani Boscolo</p> <p>Diretor Superintendente João Francisco Aprá</p>	<p><i>Conselho Consultivo</i></p> <p>Presidente Guilherme Afif Domingos</p> <p>Conselheiros Alda Marco Antonio André de Paula Antonio Anastasia Cláudio Lembo Georgiano Neto Otto Alencar Ricardo Patah</p>	<p><i>Conselho Superior de Orientação</i></p> <p>Presidente Gilberto Kassab</p> <p>Conselheiros Antonio Brito Belivaldo Chagas Carlos Massa Ratinho Junior Domingos Aguiar Neto Guilherme Campos Letícia Boll Vargas Omar Aziz Robinson Faria Samuel Hanan</p>
---	--	---

diálogos no espaço democrático - Coleção 2021 - "O que há com nosso futebol?"

ESPAÇO DEMOCRÁTICO - Site: www.espacodemocratico.org.br Facebook: **EspacoDemocraticoPSD** Twitter: **@espdemocratico**

Coordenação - Scriptum Comunicação - Jornalista responsável - Sérgio Rondino (MTB 8367)

Projeto Gráfico - BReeder Editora e Ass. de Com. Ltda - Marisa Villas Boas - Fotos - Scriptum e Shutterstock



www.espacodemocratico.org.br